

Francisco
MIGNONE

Chico Bororó - Canto & Piano

Chico Bororó - Vocal & Piano

Letras | Lyrics

Parte integrante do livro



MIGNONE SONGS

SÃO PAULO - BRASIL - 2025

Copyright © 2025 desta edição by Anete Rubin - Mignone Songs
Todos os direitos reservados. *All rights reserved.*

Editor / Publisher: Anete Rubin (Mignone)

Projeto gráfico e capa / Graphic and cover design: Anete Rubin (Mignone) - [frame designed by rawpixel.com - Freepik.com]

Assessoria editorial / Editorial consultancy: Bruno D'Abruzzo

Preparação e revisão de textos / Copy editing: Bruno D'Abruzzo

Editoração musical / Music engraving: Lucas Brum

Transcrição musical / Musical transcription: Lúcio Zandonadi, com base em gravações do início do século XX
(*Alma em pena, Nana, O caixeiro e o patrão*)

Revisão musical / Score review: Maria Josephina Mignone (*in memoriam*) & Roberto Votta

Primeira edição / First Edition: 2025

Partes deste livro poderão ser reproduzidas com a prévia autorização por escrito da Mignone Songs e nos limites previstos pelas leis de proteção aos direitos de autor e outras aplicáveis. Além de gerar sanções civis, a violação dos direitos autorais caracteriza crime.

Parts of this book may be reproduced after obtaining the prior written consent of the Mignone Songs and within the limits imposed by copyright laws. In addition to generating civil penalties, copyright infringement is a serious crime.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Mignone, Francisco, 1897-1986

Chico Bororó : canto & piano = Chico Bororó :
vocal & piano / Francisco Mignone. -- 1. ed. --
São Paulo : Anete Rubin, 2025.

Edição bilíngue: português/inglês.

ISBN 978-65-01-57766-1

1. Canto 2. Música 3. Partituras musicais
4. Piano - Música I. Título. II. Título: Chico
Bororó : vocal & piano.

25-285361

CDD-786.207

Índices para catálogo sistemático:

1. Piano : Música 786.207

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415

Proibida a reprodução (Lei 9.610/98)

Impresso no Brasil

Todos os direitos desta edição reservados à
RUBIN MIGNONE, MÚSICA, EDIÇÕES E ARTE
(MIGNONE SONGS)
São Paulo / SP – Brasil

anete@mignonesongs.com.br
www.mignonesongs.com.br
www.franciscomignone.com.br

AHI! PIRATA!...

Chico Bororó
Letra de X.Y.Z.

Já corre mundo, tua fama de pirata,
A todos vens passando a perna sem cessar,
Tu és um bicho afinado na cantata
Com ela fazes o arara escorregar!

O meu conselho é que andes bem na linha
Tenhas cuidado – esse é o ponto capital –
Diz um ditado: que o caldo de galinha
E um pouco de cautela a ninguém fazem mal

Aí! Pirata!
Lá vem cantata!
Dá o fora, meu bem,
Não iludes ninguém
Aí! Pirata!
Lá vem cantata!
Deixa, deixa eu correr
Que ele vai morder!

A tua cara de santinho do pau oco
Faz com que a gente vá na onda sem querer!
Quando a galinha não põe ovo vai pro choco
— Não tens dinheiro, vens, então, aí!, me morder?

Não quero mais ver teu focinho, nem pintado!
Tu és o Rei da piratagem ou cavação!
Com teus achegos eu fiquei todo esfolado
Meu benzinho, estou cansado de ir no arrastão

ALMA EM PENA

Chico Bororó

Disseram Graças a Deus!
Porque não pude morrer
Não sei se não diz aos outros
Que nem desejam viver

Pende do céu, ó linda estrela
Foge do mar a vaga verde aonde vai?
Vem para mim, ó meu desejo
Que sempre vejo
À distância me acenar

Pende do céu, ó linda estrela
Foge do mar a vaga verde aonde vai?
Eu dediquei a vida inteira
E seu mistério vem me ver
No pranto meu fez padecer

Ó suave flor
Celeste e bela
És como o aroma
Que tu tens para mim

Então aponte
Onde se esconde
Para que lá
Eu vá achá-la enfim

CHORA, CABÔCO!

Chico Bororó
Letra de João do Sul

Quando alembro minha choça
Os batuque e o quentão,
Tenho sôdade da roça,
Da beleza do sertão

Na cidade a vida é feia,
Não tem a graça, a púesia,
As ave que gorjeia,
A voz maguada do violão

Chora, chora
Cabôco, essas beleza,
Na tristeza desta vida de agora

Já vai pra cinco janêro
Que deixei meu arraiá,
Pra vivê como estrangêro
No torpô da capitá.
Foi a causa deste exílio
O amô de uma morena
Que juro farso idílio
E acabô por me dexá

Quando vinha a primavera
Enfeitada de ilusão,
Minha cantiga sincera
Abençoava esse sertão
E eu ia com ternura
Na janela da morena
Pra pedi a ventura
Que me matô o coração

Nunca mais minh'arma triste
Há de ver esses lugá
Onde sór mais belo existe
Onde é mais lindo o luá!
Hoje vivo na cidade
Como a sombra solitária
A chorá na sôdade
O que já não posso arcanjá!

MANDINGA DOCE

Chico Bororó
Letra de Décio Abramo

Mandinga doce
A gente prova uma só vêis
Tem gosto virge
Cum o a semente no chão

Não cheira a nada
Cheira a noite enluarada do sertão
Parece cravo e num é cravo
A flor cheirosa que num é cravo
Nem é rosa nem ninguém viu essa flor,
Que não é cravo nem é rosa
E que é a flor do amô!

Quem já cheirô
Chero tão bom,
Nunca se esquece
Da mandinga do sertão [dessa flor]

Se diz que sim,
Não jure não,
Há um coisa ruim
Que põe mandinga ao coração!

Se diz que sim,
Não jure não!

Se diz que sim,
Não jure não!

Não jure meu amô
Não jure meu amô

MIAMI

Chico Bororó
Letra de Duque de Abramonte

Quando o mar beija a praia
A lua comovida
Delira e quase desmaia
Sobre as palmas verdes de Miami!

Assim, neste amor ardente,
Sentindo o teu perfume quente
Num transe alucinador
Desmaio e tombo
Sobre a Miami deste amor!

Miami! Miami!
Perfumada e linda praia para o amor!
Miami! Miami!
Tuas ondas mais perfumam do que a flor!

Miami! Miami!
És o golfo da quimera e da ilusão!
És a praia azul do amor!
E da ilusão!

MUIÉ... É CAFÉ!

Chico Bororó
Letra de Duque de Abramonte

— Ô sabiá [...]¹
— Aquela desarmada que eu tinha no fundo da arma, casou com o tio do Chico Fernando.
— E vancê num sabe que muié pra enganá é como café!
— É verdade!

Num quero crê
Mais em vancê
Toda a muié
Pra enganá é como o café...

Se ele subí
Já vai caí
Toda a muié
Como o café chama no pé!

E mesmo inté
Como o café
Tem instituto
De beleza de muié!...

Num quero crê
Mais em muié
Como o cumpadre
Coroné no seu café!...

¹ Introdução falada transcrita com base em gravação de 1930, não foi possível compreender toda a primeira frase. | Introduction transcribed from the 1930 recording, it was not possible to understand the entire first sentence.

NANA

Chico Bororó

Duérmete, niño, en la cuna
Mira que viene la loba

Duérmete, niño, en la cuna
Mira que viene la loba

Preguntando por las cosas
Dónde está el niño que llora?

Duérmete, niño, en la cuna
Mira que viene la loba
Preguntando dónde está el niño que llora?
Preguntando dónde está el niño que llora?

Mm ...

Mm ...

NINNA NANNA

Chico Bororó

Fai la nanna, dolce lume
Fai la nanna!
Ninna nanna,
Le mie braccia per te son più me,

Fai la nanna, dolce lume, nanna
Ninna nanna
Ninna nanna
Ah!

Fai la nanna, mio conforto,
Sul mio seno,
Angiolti porto,
Mia bambina nanna!

NUM VORTO “A PÉ”

Chico Bororó
Letra de Salvador Moraes

Vim da roça para vê
 As beleza da capitá
 Vim co’a fia e co’a muié
 Que quijaram² me acumpanhá
 Gostosura tanta, que ai de se babá!
 Que a gente num sabe onde há de embarcá!

Ui!... Ai!...
 Ui!... Ai!...

A fãmia
 Ai, Meu Deus! Si eu sôbesse
 Num vinha cum ela, porque...

A fãmia
 Ai, meu Deus! Si eu sôbesse
 Num vinha cum ela, porque...

Tem belezas de babá!
 Rio doce para anzó...
 Que é da gente tonteá, meu Deus!
 Si eu sôbesse eu já vinha só
 Mas hê de vortá, mas hê de vortá!...

Vô pra roça vorto a pé,
 Cum sôdades da capitá,
 Mas nem fia nem muié
 Hão de outra veiz me acumpanhá
 Pra gozá e para vê,
 Num vorto a pé!
 Que eu quero no barco,
 Tornem³ embarcá!

² Trata-se de uma corruptela de “quiseram”. | It is a corruption of the word “quiseram”.

³ A partitura da CEMB traz “tornem”, mas nos parece se tratar mais de uma corruptela de “também” = “tómem”. | The score edited by CEMB registers “tornem”, but it seems to us to be more of a corruption of the word “também” = “tómem”.

O CAIXEIRO E O PATRÃO

Chico Bororó
Letra de Bastos Tigre

(batendo à porta)

— Entre!

— Olha o caixeiro!

— Entre! Boas horas! A cozinheira parada à sua espera e você, nada. Vá ser mole para o inferno!

— Eu, mole?! É porque o senhor ainda não me viu de manhã cedo!

— Seu malcriado! O que é que você tem de manhã cedo?

— Às cinco horas já estou de pé, pulo da cama e começo a lida.

— E o que é que você faz assim que se levanta?

— A primeira coisa que eu faço?

— Sim.

— Ah, lá, isso é que eu não digo.

— Não diz por quê? Qual é o seu primeiro trabalho?

— Vai, vai! O meu primeiro trabalho é varrer a venda.

— E depois?

— Apanhar o lixo.

— E depois?

— Pô-lo na lata.

— Está visto. Pergunto depois disto tudo!

— Guardar a vassoura.

— Mas que idiota. Pergunto depois de tudo isto, da limpeza da venda.

— Depois eu levo uns cascudos do patrão.

— Cascudos, por quê?

— Porque ele acha que o serviço está sempre muito malfeito.

— Ele é exigente?

— Não, senhor, ele é português.

— Haha, não é isso! Pergunto se ele quer que você faça o serviço muito benfeito.

— Ah, ele é um diabo, está sempre ranzinza. E às vezes dá-me cada cascudo! E quem me salva é a patroa.

— Ela é camarada?

— Muito!

— E que horas sai você para entregar as compras?

— Saio às sete.

— E por que só chega aqui às nove?

— É por causa do relógio!

— Do relógio?!

— Sim, senhor. Porque enquanto eu vou andando, o relógio do senhor também vai andando!

— É boa! Vamos ver as compras. Ih, este feijão está bichado!

— Está? Já sei por que é.

— Por que é?

— É porque o bicho deu nele. O patrão sempre diz que neste mundo há de ser muito difícil acabar com o bicho.

— Ora, que burro!

— Nem burro, nem elefante, nem bicho de feijão.

— Mas eu não quero feijão bichado, você não está vendo que ele está cheio de buracos, seu malcriado?

— Malcriado não, senhor! Olha aqui quanto buraco!

— Como disse?!

— Sim, senhor, o buraco aqui nas meias, olha aqui, as meias cheias de buraco.

— Bem, o feijão não serve. E este azeite, que azeite é este?

— É de Tomar.

— Azeite de tomar?

— Sim, senhor!

- De tomar?!
- Sim, senhor! Tomar é uma cidade em Portugal onde se faz o azeite.
- Você conhece Geografia?
- É a cozinheira nova que está agora aqui? Não conheço, não, senhor. Olha, se ela é feia, não me apresente!
- Pelo que vejo, você é conquistador de cozinheiras.
- Ah, lá isso é que nem se discorda! Sou Adolfo Manjura, de forno e fogão!

Você foi feito de encomenda
Eu nunca vi caixeiro assim
Quando você fechar a venda
Vem trabalhar junto de mim!

Um beijo, querida, trigueira, vem cá
Tão boa comida no mundo não há!

Querida, eu sou das cozinheiras
Caídas, todas são por mim
Mas eu prefiro as estrangeiras
Que quando eu chego diz assim:

Um beijo, querida, trigueira, vem cá
Tão boa comida no mundo não há!

SERTANEJA

Chico Bororó
Letra de Beltrão Limeira

A noite desce, tristemente,
O céu é manta d'ouro e prata;
Tudo é triste quando à gente
Vem a saudade que maltrata

O coração, mudo, padece
Nos lábios morre uma prece...

Sob a luz da lua,
Minha amiga que é tão boa
Vejo a imagem tua,
Refletir-se lá na lagoa...

Nesse espelho d'água
Que é o encanto lá do mato
Fico ali, então, com mágoa
A contemplar teu retrato...

Esta obra foi impressa no Brasil em 2025 e celebra
os 128 anos de nascimento do compositor brasileiro
Francisco Mignone (1897-1986).